

Relação difícil com os jornalistas

Carlos R. Lima 05-01-2003 00:35

Investigador propõe criação de um gabinete para a imprensa. Mas será que o que é confidencial pode ser revelado?

O apetite pelas questões ligadas às «secretas» - termo abominado pelos elementos da informações - sempre esteve presente no jornalismo. Os «agentes secretos», «a polícia secreta» ou os «James Bond portugueses» - estas são apenas algumas das expressões recorrentes em notícias sobre a actividade dos serviços de informações. Mas, dado o enclausuramento da actividade, muitas das notícias partem de suposições ou especulações.

É por isso que no livro «Os Serviços de Informação e a Comunicação Social», Pedro Simões avança com a proposta da criação de um gabinete que possa transmitir mais informação aos media sobre a actividade das «secretas». Ao *PortugalDiário*, o investigador referiu que essa era uma medida necessária de forma a dar corpo ao direito à informação por parte do jornalista e por outro lado evitar tentativas de manipulação da opinião pública - sobretudo informações passadas a coberto do anonimato.

Citando Thomas More - ninguém deve ser «um estranho na sua própria casa» -, o docente universitário afirma ser necessária e urgente uma especialização no jornalismo ao nível da «Intelligence». «O jornalista deve ter a noção de que uma informação vinda de um determinado serviço de informações pode colocar em causa o interesse nacional», refere.

Rejeitando à partida qualquer fórmula de censura prévia, Pedro Simões apela à «auto-censura» dos jornalistas, que só poderá ser bem estruturada caso estes tenham preparação para esta área. O autor socorre-se do exemplo de Stella Rimington, a até aí desconhecida directora dos serviços de informações britânicos, MI5, que em 1994 deu o primeiro passo para uma abertura à comunicação social, através de um artigo publicado num jornal.

Ora, advoga Pedro Simões, em Portugal a formação de jornalistas nesta área deveria ser feita através, por exemplo, de cursos do Instituto de Defesa Nacional, que, refira-se, assinou recentemente um protocolo com o Sindicato dos Jornalistas para a formação nesta área.

«Deste modo, aos futuros jornalistas seria proporcionado o contacto directo com uma realidade que muitas vezes desconhecem, ou da qual têm ideias feitas por "ouvi dizer", ou ainda por absoluta falta de conhecimento», conclui Pedro Simões no livro.

Na mesma linha pronuncia-se António Portugal, ex-director geral do SIEDM: «O SIEDM e o SIS deveriam ter alguém para lidar com a comunicação social». Já o ex-director do SIS, Daniel Sanches, pensa que a questão não passa por um gabinete de assessoria, mas por uma maior credibilização do trabalho efectuado pelos serviços. «No estrangeiro, é dito que determinada decisão assentou em bases sólidas fornecidas pelos serviços de informação. Os decisores têm que utilizar as informações que lhes são fornecidas e darem o valor próprio junto do público e da comunicação social».

Só que, em Portugal, nem uma nem outra. Tudo ainda está num plano da relação de confiança entre o jornalista e uma fonte anónima.